

Mercado de Trabalho

conjuntura e análise

ANO 26 | Abril de 2020

68

ipea

Governo Federal

Ministério da Economia

Ministro Paulo Guedes

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Carlos von Doellinger

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Manoel Rodrigues Junior

**Diretora de Estudos e Políticas do Estado,
das Instituições e da Democracia**

Flávia de Holanda Schmidt

**Diretor de Estudos e Políticas
Macroeconômicas**

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais**

Nilo Luiz Saccaro Júnior

**Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação
e Infraestrutura**

André Tortato Rauen

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

**Diretor de Estudos e Relações Econômicas
e Políticas Internacionais**

Ivan Tiago Machado Oliveira

**Assessora-chefe de Imprensa
e Comunicação**

Mylena Fiori

Mercado de Trabalho: conjuntura e análise

CORPO EDITORIAL

Editor Responsável

Carlos Henrique Leite Corseuil

Membros

Felipe Mendonça Russo

Lauro Ramos

Sandro Pereira Silva

Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Apoio

Bruna de Souza Azevedo

Carolina Lopes de Carvalho Vital

Gabriela Carolina Rezende Padilha

Máira Albuquerque Penna Franca

Leandro Pereira da Rocha

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

ECONOMIA SOLIDÁRIA E O ECOSISTEMA EMPREENDEDOR SOLIDÁRIO: O CASO DE ARARAQUARA (SP)

Caroline Cristina Sanches¹
Leandro Pereira Morais²

1 INTRODUÇÃO

A economia social e solidária (ESS) é um campo heterogêneo do ponto de vista teórico-conceitual e da *práxis*, que contempla um conjunto de atividades em praticamente todos os setores da atividade econômica – organizadas em forma de cooperativas, associações, organizações não governamentais (ONGs), fundações e até mesmo com base na informalidade (Morais, 2013).

No Brasil, costuma-se referi-la como economia solidária (Esol). No entanto, devido às indefinições teórico-conceituais sobre o tema, observa-se um crescimento da importância e do interesse em se entender essa temática, que vem progressivamente ganhando espaço nas agendas públicas, nas universidades e nas organizações multilaterais. Isso ocorre porque tais atividades contribuem para o enfrentamento do desemprego, por meio da geração de trabalho e renda. Todavia, os empreendimentos econômicos solidários (EES) – componente fundamental da Esol na dinâmica econômica real – caracterizam-se por fragilidades estruturais, intrínsecas ao seu *modus operandi*. Uma das formas de se enfrentar essa realidade reside na construção e no fortalecimento do chamado “ecossistema empreendedor solidário”, que se refere a um conjunto de relações entre atores e agentes de um determinado território que estão direta ou indiretamente conectados ao funcionamento dos EES.

Nessa perspectiva, é de fundamental relevância a análise de uma determinada experiência territorial para compreender a dinâmica e o processo de construção do ecossistema empreendedor solidário. Para isso, este artigo fará um estudo de caso do município de Araraquara, município do estado de São Paulo, no intuito de entender

1. Mestranda em desenvolvimento econômico na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). *E-mail*: <sanches.caroline5@gmail.com>.

2. Professor de economia na Universidade Estadual Paulista (Unesp). *E-mail*: <lpmorais@gmail.com>.

como se concebem a organicidade e as articulações dos principais atores envolvidos nesse processo.

Partindo da hipótese de que a existência de um ecossistema empreendedor para Esol possibilita aos EES emanciparem-se dentro do território e, portanto, contribui com o desenvolvimento econômico local, o objetivo do que se propõe nesta pesquisa será fundamentalmente atingido com base em revisão bibliográfica e na realização de entrevistas com atores importantes no processo de construção do ecossistema empreendedor para a Esol no território.

2 O QUE SE ENTENDE POR ECOSISTEMA EMPREENDEDOR SOLIDÁRIO?

Primeiramente, o termo *empreendedor* (original do francês *entreprendre*) foi aprimorado pelo economista Jean-Baptiste Say, que definiu como empreendedor aquele agente econômico (ou *homem dos negócios*) capaz de deslocar seus recursos entre diferentes áreas, com o intuito de aumentar os níveis de produtividade. Joseph Schumpeter, por sua vez, definiu que a figura de um empreendedor é atribuída ao indivíduo que, a partir do processo que ele definiu como “destruição criadora”, contribui para desenvolver e/ou aprimorar a tecnologia, gerando mudanças positivas para a economia capitalista como um todo.

De acordo com Barros e Miranda (2008), o fenômeno do empreendedorismo impacta positivamente o crescimento econômico e contempla, em linhas gerais, três aspectos fundamentais: *i*) a inovação, que possibilita à empresa aumentar o seu desempenho no mercado; *ii*) o aumento do desempenho econômico do país, como resultado da iniciativa inovadora; e *iii*) o aumento da taxa de emprego, devido ao aumento da atividade econômica. No caso do empreendedorismo na esfera da economia social – que é um tema de crescente interesse, sobretudo a partir da última década do século XX (Chell, 2007) –, constata-se que esse tipo de empreendedorismo está relacionado com a possibilidade de permitir às pessoas, social e economicamente marginalizadas, uma oportunidade de geração de trabalho e renda, a partir de iniciativas de interesse coletivo, de caráter comunitário (Andrade *et al.*, 2016). Assim sendo, esse novo agente empreendedor precisa dispor de certa capacidade de inovação (com foco social), capaz de obter ganhos de renda (sem fins lucrativos); mas, ao mesmo tempo, conservando como prioridade o impacto social positivo que essa iniciativa pode gerar. Além disso, esse empreendedor deve ser capaz de articular alguns elementos essenciais nesse processo, que são: *i*) motivações pessoais; *ii*) competências previamente adquiridas; *iii*) relacionamento/redes de sustentação ou de contatos (pessoal, profissional e/ou institucional); e *iv*) disponibilidade de recursos financeiros (Kantis, Ishida e Komori, 2002 *apud* Moraes e Bacic, 2018; Vale, 2000; 2004).

No que diz respeito ao termo *ecossistema empreendedor*, é possível compreendê-lo como uma base sistêmica, que influencia (em termos de produtividade, inovação,

competitividade etc.) e permite a criação (e coevolução)³ de novos empreendimentos (Morais e Bacic, 2018).

A partir dos anos 1990, o termo *ecossistema empreendedor* passa a ganhar importância como paradigma para interpretar os atores e as relações que levam ao surgimento e crescimento de empreendimentos, com base no conhecimento e na formulação de políticas públicas para dinamizar atores e relações⁴ (Cohen, 2006; Bacic, 2014). Este processo se caracteriza, portanto, como um produto resultante de uma *coconstrução*, que parte de uma dinâmica integrada entre diferentes atores, resultando em ações capazes de fomentar o desenvolvimento econômico local (Morais, 2013; Moraes e Bacic, 2016).

De acordo com Cohen (2006), existem alguns elementos de natureza institucional e relacional que fazem parte de um ecossistema empreendedor. Tais elementos se inserem dentro de um ambiente natural e social, sendo distinguidos entre *rede informal* (pessoas próximas dos empreendedores e suas relações com outras empresas) e *rede formal* (universidades de pesquisa; serviços de apoio governamental local, regional ou nacional; serviços de apoio empresariais, como consultores, contadores, advogados; entre outros).

Nas palavras de Isenberg (2011), um ecossistema empreendedor é constituído por uma comunidade dentro de uma região de atores interdependentes, com diversos papéis, que interatuam, determinando o desempenho do ecossistema e, eventualmente, de toda a economia de uma região. Em outros termos,

o impacto do ecossistema nos níveis micro e macro da atividade econômica depende da interação eficaz de agentes constituintes do sistema como em um ambiente natural. Fazendo uma analogia ao ecossistema natural, o isolamento de um ator pode causar consequências negativas, incluindo o efeito sobre a saúde do sistema (Silva, 2017, p. 22-23).

Em recente estudo propugnado pela European Commission (2016) e baseado nas constatações de Isenberg (2010; 2011), afirma-se que esse ecossistema pode ser compreendido e visualizado a partir da consideração de alguns componentes-chave, que são: *i*) políticas públicas de apoio; *ii*) acesso a recursos financeiros; *iii*) fatores culturais; *iv*) infraestruturas de apoio; *v*) capital humano; e *vi*) acesso aos mercados. Ademais, esse estudo também confirmou que um ecossistema empreendedor não depende somente de um desses fatores de forma isolada, mas de um conjunto deles, interagindo, de forma simultânea, em um determinado território. Embora estejam presentes em praticamente todos os países, a importância de cada um dos fatores pode variar de um país para outro ou, até mesmo, dentro de um mesmo país (European Commission, 2016).

3. Segundo Nygaard (2008), a ideia de *coevolução* está relacionada com as mudanças que ocorrem em uma determinada base sistêmica (como uma indústria ou a própria economia), a partir da evolução das tecnologias, das instituições e dos mercados. A *evolução* na economia, segundo o autor, pode ser caracterizada como “um processo de mudanças qualitativas, que ocorrem ao longo do tempo, conduzido por empresas, governos e outras organizações, a partir de motivações, decisões, regras e capacidades” (Nygaard, 2008). Nesse sentido, o *coenvolvimento* desses componentes (tecnologias, instituições e mercados) propicia o estabelecimento de um sistema (ou, um *ecossistema*) de inovação (interativo e cooperativo), no qual ocorre a troca e difusão de informações e conhecimentos entre os diversos agentes envolvidos.

4. Segundo Serrano (2015), essas relações podem ser: *i*) de natureza política (como alianças entre os atores sociais e políticos que constituem a base da governança territorial); *ii*) de produção (criação de redes de EES); e/ou *iii*) de conexões que podem gerar inovação (grupos de atores que criam as condições necessárias para a geração e difusão da inovação social).

Assim, a existência desse *ecossistema* é fundamental para quase todo tipo de empresa e organização. Contudo, ela se torna essencialmente crucial para as organizações de economia social e solidária (OESS), que incluem os EES (OIT, 2014). Isso porque os EES, por atuarem em duas lógicas distintas (a *econômica* e a *social*, de interesse coletivo), possuem fragilidades intrínsecas ao seu funcionamento, relacionadas a diversos fatores, tais como: *i*) falta de competência necessária por parte dos atores envolvidos, em termos de gestão e administração dos empreendimentos; *ii*) falta de experiência prévia, o que impede boas percepções de oportunidades de negócios, bem como da situação do mercado; *iii*) falta de interesse por parte dos agentes envolvidos em administrar e propor soluções para os problemas operacionais, administrativos, financeiros e econômicos dos empreendimentos; e *iv*) acesso restrito a recursos financeiros para a operacionalização e o fortalecimento dos empreendimentos etc. Por esses motivos, é de fundamental importância a existência desse ecossistema – também chamado de *redes* – para a Esol. Nos termos de uma pesquisa realizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT),

as parcerias e as redes são um fator de sucesso fundamental no desenvolvimento da ESS. A sustentabilidade da ESS depende da sua capacidade de se enraizar na comunidade, mobilizar várias partes interessadas e construir alianças fortes com parceiros sociais e com autoridades públicas (OIT, 2014, p. 55).

Essa é uma tarefa, portanto, que “não está ao alcance de empresas ou organizações individuais” (OIT, 2014, p. 55). Requer esforços combinados no longo prazo,

que envolve aspectos internos e externos e requer um conjunto de ações, tais como autossuficiência econômica e financeira, capacidade de investimento, incremento produtivo, educação e qualificação permanentes, ampliação social do empreendimento, preservação de parceiros estratégicos, emprego de tecnologias limpas etc. (Morais e Bacic, 2018, p. 3).

“Por essas razões, as redes e as parcerias são uma componente essencial de uma ESS forte” (OIT, 2014, p. 55).

Nesse sentido, para que se possa alcançar e efetivar essas articulações a fim de estabelecer um ecossistema empreendedor no âmbito da Esol, é preciso que cada um dos constructos propugnados por Isenberg (2010; 2011) e pela European Commission (2016) – adaptados para o caso da Esol – sejam fortalecidos no território e estabeleçam uma conexão duradoura.

Desse modo, a abordagem de ecossistemas considera o empreendedorismo como fruto da interação entre diversos atores, dentro de um determinado território, os quais, juntos, determinam o funcionamento e a *saúde* do ecossistema como um todo. A partir disso, um determinado empreendimento é capaz de nascer e obter forças e suporte para o seu crescimento e sua emancipação, dentro do próprio local em que se encontra instalado. Portanto, no contexto da Esol, como demonstrado, a configuração de um ecossistema empreendedor solidário é imprescindível para a consolidação, o crescimento e a emancipação dos EES no território.

3 METODOLOGIA

Sendo um estudo exploratório, de natureza qualitativa, esta pesquisa se propõe a responder ao problema proposto por meio do detalhamento de informações não quantificáveis neste momento, como a identificação dos principais atores responsáveis pelas *interações locais* na construção do ecossistema empreendedor solidário, bem como as suas conexões e influências na concepção de políticas públicas municipais de Esol no território.

Assim, além de uma revisão da bibliografia inicial acerca dos temas já explicitados, este estudo prevê o levantamento de informações e dados relevantes por meio de um roteiro de entrevistas semiestruturadas com: *i*) atores da administração pública local envolvidos com a Esol; *ii*) participantes dos EES; *iii*) pesquisadores do tema na Universidade Estadual Paulista (Unesp), no *campus* de Araraquara; e *iv*) outros atores relevantes para a compreensão da Esol e do ecossistema no território.⁵

Para o primeiro e o terceiro grupo (“*i*” e “*iii*”, respectivamente), foi elaborado e aplicado um questionário centrado basicamente em captar a percepção destes atores em relação aos seguintes pontos:

- o que se entende por *ecossistema empreendedor solidário*;
- quais os atores que podem ser considerados como importantes para compor esse ecossistema em Araraquara;
- quais são os pontos positivos (conquistas) e negativos (desafios) na construção desse ecossistema no município; e
- como é visualizada a presença de cada um dos fatores propostos por Isenberg (2010; 2011) e pela European Commission (2016) – adaptados para a Esol – no município de Araraquara – que incluem: *i*) políticas públicas de apoio; *ii*) acesso a recursos financeiros; *iii*) fatores culturais; *iv*) infraestruturas de apoio; *v*) capital humano; e *vi*) acesso aos mercados.

Para o caso das perguntas aplicadas aos membros dos EES, foi realizado um questionário, no qual se buscou captar a relevância que cada um dos fatores propostos por Isenberg (2010; 2011) e pela European Commission (2016) têm no processo de criação, manutenção e emancipação do referido EES. Para esses três momentos propostos do empreendimento, pedia-se que cada um dos seis fatores mencionados fosse classificado em: muito importante, importante, neutro ou irrelevante.

No caso do último grupo (“*iv*”), os questionários aplicados enfatizaram especificidades segundo o que se pretendia captar de um agente em especial. Para atores do Sistema S,⁶ por exemplo, foram feitas perguntas ligadas ao fomento da cultura empreendedora para as empresas de Esol, visto que estes agentes se conectam com os EES por meio

5. Todas as entrevistas realizadas para esta pesquisa aconteceram presencialmente (em sua maioria), por telefone (por ligação telefônica ou por meio de áudios em *chats*) ou, em menor medida, por *e-mail*.

6. O Sistema S é composto por um conjunto de organizações, associadas às entidades corporativas, voltadas para treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica. São elas: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac); Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); Serviço Social de Transporte (Sest).

da oferta de cursos direcionados a aspectos gerenciais e organizacionais dos EES. Neste sentido, para esses atores citados, as perguntas centraram-se, basicamente, na percepção destes em relação à importância que os cursos de empreendedorismo têm para os EES, bem como nos desafios encontrados na realização desses cursos para os membros dos empreendimentos.

Estudos acerca do ecossistema aplicado à Esol constituem, ainda, um tema em construção e de relativa complexidade, tendo em vista algumas *lacunas* ainda existentes – que se referem ao desafio de definir e desenvolver metodologias e instrumentos de pesquisa capazes de captar, empiricamente, as conexões da *dinâmica inovativa local*, marcada por *interações locais*, que abarcam aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, socioinstitucionais etc. (Albagli e Maciel, 2004). Em outros termos, segundo as autoras,

o entendimento dessas complexas relações coloca novas questões nos campos conceitual e metodológico, demandando instrumentos capazes de verificar e avaliar os processos do dinamismo socioeconômico local (Albagli e Maciel, 2004, p. 12).

Nesse sentido, Albagli e Maciel (2004) propõem, como parâmetros de pesquisa empírica, dois grandes grupos de estudos: *i*) estudos de caso, apresentando descrições detalhadas sobre esses processos; e *ii*) estudos estatísticos. Neste trabalho, optou-se pelo primeiro grupo, com o intuito de se atingir o objeto de compreensão da dinâmica de construção do ecossistema empreendedor solidário do município de Araraquara.

A opção por essa estratégia é interessante para os objetivos da construção desta pesquisa porque assegura a flexibilidade necessária à pesquisa exploratória, ao mesmo tempo que possibilita ao pesquisador organizar a pesquisa em torno dos constructos de interesse (Gil, 2008).

Assim, como é enfatizado pelo relatório de pesquisa do Ipea, realizado em 2016, o levantamento de informações a respeito da atual situação dos EES no município,

apesar de toda sua multiplicidade (...) permite compreender seus principais padrões de localização e manifestação, bem como seus pontos de conexão com o sistema econômico mais geral e os espaços de disputa política que seus atores estão envolvidos. De porte dessas informações, torna-se possível um planejamento mais contundente de programas, estratégias e tecnologias de intervenção e capacitação para melhor aproveitamento desse potencial, seja via ações diretas entre grupos na sociedade engajados nessa temática, seja via ações governamentais, por meio de políticas públicas (Silva e Carneiro, 2016, p. 8).

A seguir, serão apresentados os resultados obtidos com esse levantamento de informações, que contemplou, como já ressaltado, diversos atores envolvidos com a Esol no território.

4 O CASO DE ARARAQUARA

Como definido anteriormente, entende-se o termo *ecossistema empreendedor solidário* como um espaço territorial no qual está presente uma gama de atores, que se conectam,

direta ou indiretamente, ao funcionamento dos EES. Nesta perspectiva, o primeiro passo dado em direção à identificação, no município, dos organismos e das articulações que compõem esse ecossistema foi o mapeamento e um breve diagnóstico dos EES existentes atualmente em Araraquara.

O levantamento de dados acerca dos EES existentes – baseados na concepção que a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) propõe para os EES⁷ –, realizado entre os anos de 2018 e 2019, se deu, em parte: *i*) com a Incubadora de Cooperativas Populares do Nordeste de São Paulo (Inconesp), a partir de dados fornecidos pelo primeiro mapeamento dos empreendimentos, realizado em meados de 2011; *ii*) com o Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária, Criativa e Cidadania (Nepesc), a partir da realização de visitas aos empreendimentos, com os alunos participantes do grupo, a fim de captar e computar todas as informações necessárias e pertinentes às pesquisas realizadas pelos membros do núcleo; e *iii*) mediante realização de diversos outros contatos e entrevistas individuais. Os EES mapeados foram conforme a seguir.

- 1) Associação das Mulheres do Assentamento Monte Alegre VI (AMA) – também conhecida como *Padoka*;
- 2) Associação de Mulheres Camponesas em Ação (AMCA);
- 3) Associação dos Trabalhadores do Comércio Alternativo de Araraquara (ATCAAR);
- 4) Associação de Artesãos Mãos Que Criam;
- 5) Associação Macaxeira (farinheira);
- 6) Cooperativa Acácia de Catadores de Materiais Recicláveis de Araraquara;
- 7) Cooperativa Agropecuária Mista do Assentamento Bela Vista do Chibarro (Coobela);
- 8) Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Motuca e Região (Coopam);
- 9) Cooperativa de Trabalho dos Trabalhadores Autônomos de Araraquara e Região (Coopersol);
- 10) Grupo de Artesanato do Bela Vista;
- 11) Grupo de Palha Bela Vista;
- 12) Horta Comunitária Zona Norte;
- 13) Luz do Valle; e
- 14) Mulheres Unidas do Parque São Paulo (MUPSP) – *Sabão Higobom*.

Além dos EES, foram identificados alguns *coletivos* – grupos que surgem a partir da mobilização de algumas pessoas (geralmente ligadas a pequenos EES), que se unem pelo afeto, pela ideologia, pela vontade de mudar a realidade e por acreditarem no potencial impacto social positivo no território que tem uma mobilização não subordinada ao Estado e

7. A Senaes caracteriza os EES como organizações de caráter coletivo (suprafamiliares, singulares ou complexas), tais como cooperativas, associações, empresas autogestionárias, clubes de trocas, redes, grupos produtivos etc., cujas atividades estão ligadas à produção de bens, prestação de serviços, de crédito (por meio das *finanças solidárias*), de comercialização e de consumo solidário etc. Além disso, essas organizações podem possuir ou não um caráter legal (o que não interfere em seu caráter permanente).

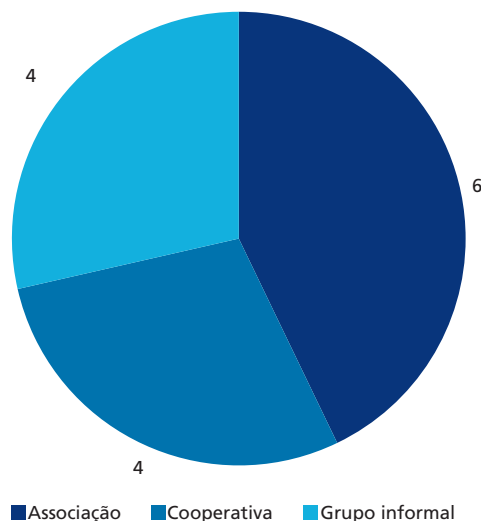
às instituições. Em se tratando de coletivos ligados à Esol, é possível citar o *Coletivo Colmeia Cultural de Araraquara*, o *Coletivo de Alimentação Mulheres Negras* e o coletivo *Rolê Feira*.

Ademais, é possível classificar os EES com base em seu perfil organizacional e pelas respectivas localizações geográficas no território, como demonstrado nos gráficos 1A e 1B, respectivamente.

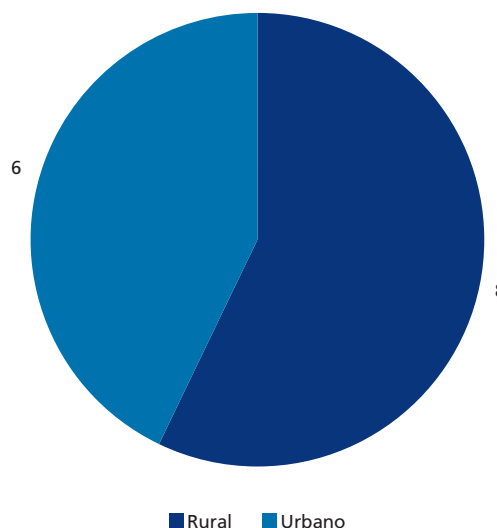
GRÁFICO 1

Principais formas de organização dos EES em Araraquara (2019)

1A – Por formato organizacional



1B – Por localidade geográfica



Fonte: Mapeamento dos EES em Araraquara.
Elaboração dos autores.

Além dos próprios EES, foram identificados os demais atores responsáveis pelo processo de construção do ecossistema empreendedor solidário no município: governo local; universidades, como Unesp e Universidade de Araraquara (Uniara); Sistema S; e outros atores, como alguns sindicatos; Instituto Nacional de Colonização e Reforma

Agrária (Incra); Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (Itesp); Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip) – ONG Mundo Melhor; Centro de Referência de Assistência Social (Cras) etc.

Com base nos dados obtidos, constatou-se, no município, que o principal meio pelo qual os EES são criados, mantidos e, possivelmente, emancipados, é por meio das políticas públicas de apoio à Esol. Para dez dos quatorze empreendimentos mapeados, verificou-se que o poder público local – representado, sobretudo, pela Coordenadoria e pelo Conselho Municipal de Economia Solidária – atua como agente estratégico para a consolidação dos três períodos dos EES descritos anteriormente. Nesse sentido, Silva *et al.* (2018, p. 3) evidenciam que os EES fazem parte de uma “abordagem multidisciplinar” e de “coesão social”, devendo, portanto, sua implantação, gestão e fortalecimento estarem submetidos à vinculação de políticas públicas, movimentos sociais, projetos de apoio diversos, consultorias e assessorias de planejamento etc.

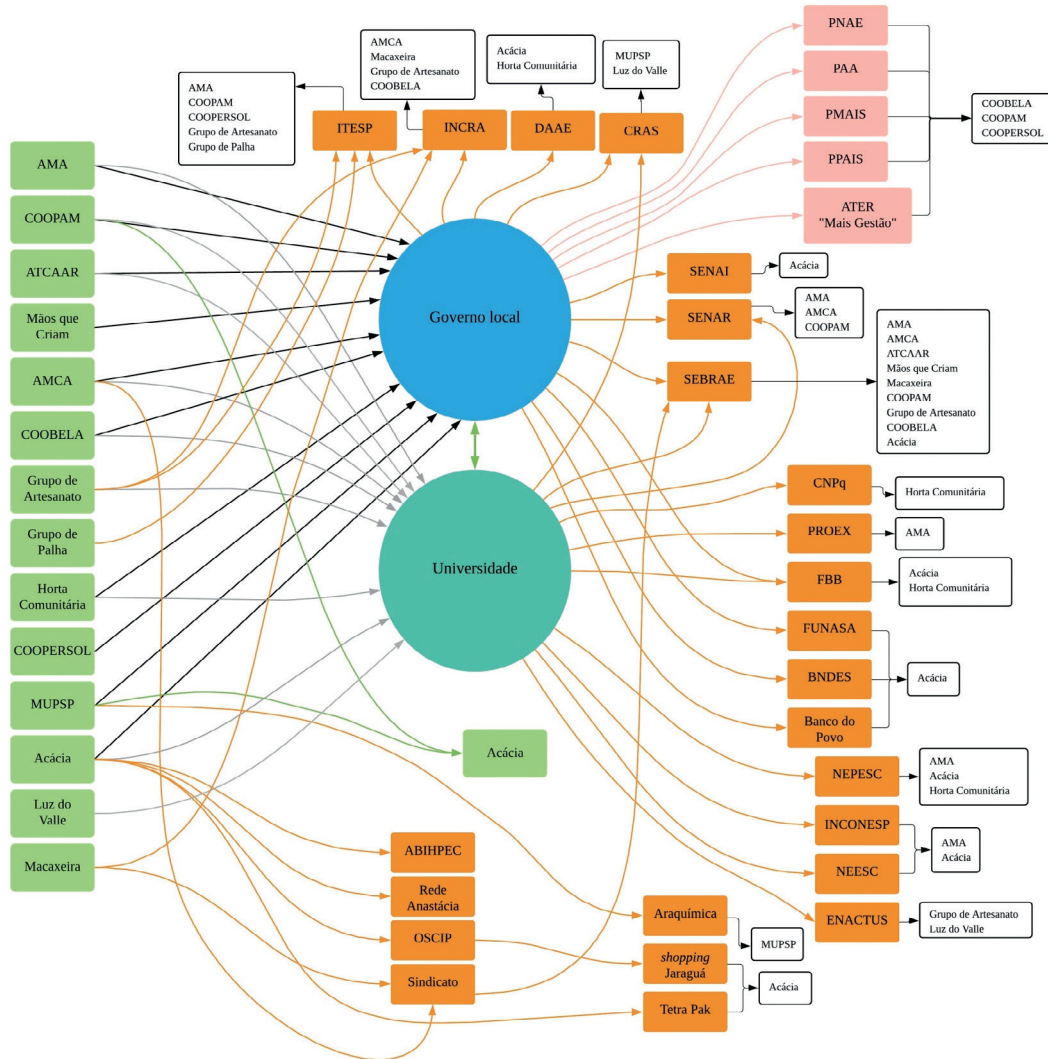
Quando se observa a presença da articulação entre as universidades e o governo local no estabelecimento de condições de fortalecimento dos EES locais, identifica-se um considerável esforço para a criação de projetos estratégicos capazes de gerar inovações e importantes suportes para estes. A Unesp, por exemplo, atuou estrategicamente (via Núcleo de Estudos em Economia Solidária e Cidadania – Neesc; Inconesp; Nepesc; Enactus;⁸ entre outros grupos) na incubação de EES, que gerou diversos frutos, como realização do primeiro Fórum de Economia Solidária e a elaboração da Carta de Princípios de Economia Solidária, a partir do qual se criou, em 2009, a Lei de Economia Solidária no município; elaboração e aprovação de projetos na área de Esol, contemplados pela Fundação Banco do Brasil (FBB), Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); realização de importantes congressos de Esol no município; entre outros.

Para o caso das conexões dos EES com os demais atores do ecossistema, o que se tem percebido é que, quase sempre, essas parcerias acontecem com uma interlocução do poder público local e/ou da universidade. Isto é, desde os agentes fomentadores de “cultura empreendedora” (como o Sistema S) até os atores que fornecem algum tipo de infraestrutura de apoio (física ou não, como Itesp, Incra, Oscip, Cras, sindicatos etc.) para os EES, o que se nota é a existência de uma intermediação do governo local (figurado pela Coordenadoria e Conselho de Economia Solidária) e/ou da universidade, no sentido de atuarem como *facilitadores* de parcerias. Como descrito anteriormente, a articulação entre essas três esferas (universidade, poder público e os próprios EES) compõe uma das principais artérias das articulações existentes entre os diversos atores de Esol no território. Os dados mostraram que a maior parte das parcerias conquistadas entre EES e algum agente estratégico foi facilitada pelo papel da universidade (atuando como incubadora e dando suporte na elaboração e aprovação de projetos de fomento direcionados a empreendimentos de Esol) e do governo local (por meio do amparo institucional e jurídico aos EES, demonstrado pelas diversas iniciativas em prol da Esol).

8. Enactus é uma organização sem fins lucrativos, composta por estudantes da Unesp-Araraquara, que desenvolve projetos empreendedores com o objetivo de fornecer melhorias no padrão de vida das comunidades do território.

Com base nisso, pode-se chegar ao seguinte formato do atual arranjo do ecossistema empreendedor solidário presente em Araraquara.

FIGURA 1
Fatores e articulações que compõem o atual arranjo do ecossistema empreendedor solidário em Araraquara



Fonte: Plataforma *Lucidchart*, com base nos dados obtidos com as entrevistas realizadas com atores envolvidos com a Esol em Araraquara. Elaboração dos autores.
 Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Partindo da constatação (como observado na figura 1) de que existem três *elos* principais pelos quais os atores de Esol no município se articulam, é possível entender que a construção do ecossistema empreendedor no município de Araraquara pode ser viabilizada mediante consideração do modelo da *hélice triplíce* ou *hélice tripla*,⁹ que prevê a existência de três pilares essenciais para a efetivação de um ecossistema empreendedor: *i*) o governo; *ii*) a universidade; e *iii*) as empresas.¹⁰ Quando esses alicerces são fortalecidos dentro do território, é possível que haja, então, uma fonte de geração de desenvolvimento socioeconômico local (Etzkowitz e Zhou, 2017).

Segundo Etzkowitz e Zhou (2017, p. 23), essa abordagem

provê uma metodologia para examinar pontos fortes e fracos locais e preencher lacunas nas relações entre universidades, indústrias e governos, com vistas a desenvolver uma estratégia de inovação bem-sucedida.

Ainda, como enfatizam os autores,

a hélice triplíce tornou-se um modelo reconhecido internacionalmente, que está no âmago da disciplina emergente de estudos de inovação, e um guia de políticas e práticas nos âmbitos local, regional, nacional e multinacional. As interações universidade-indústria-governo, que formam uma “hélice triplíce” de inovação e empreendedorismo, são a chave para o crescimento econômico e o desenvolvimento social baseados no conhecimento (Etzkowitz e Zhou, 2017, p. 47).

Em recente artigo publicado na *Revista Associação Brasileira de Estudos do Trabalho* (Abet), Morais e Bacic (2019) adaptam o modelo da hélice tripla para o caso da composição e construção de ecossistemas empreendedores para a Esol. Nesse contexto, os autores enfatizam que tal abordagem:

- concentra-se na visão de um modelo *bottom-up*, marcado por uma atenção ao papel do interesse coletivo na construção de políticas públicas na área;
- compreende que é importante a “capacidade de orquestração e articulação (de natureza transversal), como forma de caracterização das diretrizes teóricas desta metodologia” (Morais e Bacic, 2019, p. 7); e
- enfatiza o olhar *horizontal* na construção das redes, a partir do qual se torna possível construir um ecossistema pela via da *coevolução* dos atores participantes do mesmo.

Adaptando os três pilares do modelo original para o ecossistema empreendedor solidário em Araraquara, é possível chegar aos seguintes tópicos:

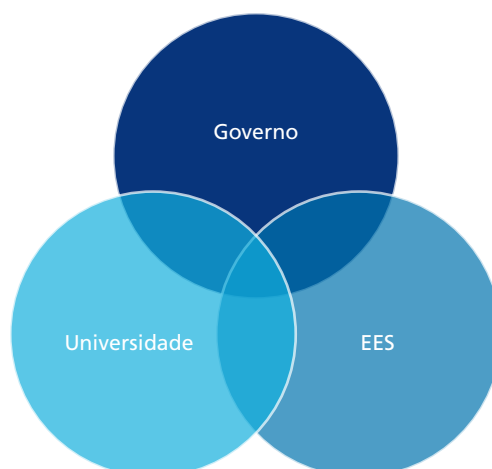
- *Governo local* (figurado pela Prefeitura Municipal e seus principais órgãos de fomento à Esol, como a Coordenadoria e o Conselho Municipal de Economia Solidária);
- *Universidade* (representado pela Unesp e seus grupos de extensão atuantes no âmbito da Esol, tais como o Neesc, Nepesc, Inconesp, Enactus etc.; bem como pela Uniara); e
- *Empreendimentos econômicos solidários*.

9. Essa abordagem parte da análise das relações triádicas proposta por Georg Simmel.

10. Nos termos de Morais e Bacic (2019, p. 7), a *hélice tripla* tem como base atores que dispõem de três “ativos estratégicos” para a construção de um ecossistema empreendedor, que são: “*i*) ativos voltados às atividades inovadoras; *ii*) ativos para ações empreendedoras; e *iii*) ativos-ponte, que seriam formados por pessoas e mecanismos responsáveis pela indução e coordenação da interação entre os empreendedores e o conhecimento”. (*idem, ibidem*).

FIGURA 2

Fatores componentes da hélice tripla adaptados para o ecossistema empreendedor solidário em Araraquara



Elaboração dos autores.

Com base nesse modelo, torna-se imprescindível o alcance de um grau de articulação e integração – ou, nas palavras de Moraes e Bacic (2018), de um “potencial sinérgico” – entre essas três grandes esferas, que se conectam com os demais agentes do ecossistema. O que resulta disso, portanto, é a constatação de que esses três atores devem assumir o “papel de tradutores” ou apoiadores das “traduções para a construção de redes sociotécnicas” (Silva *et al.*, 2018, p. 11). Isto é, o *governo*, a *universidade* e os *próprios EES*, sendo as principais artérias dessa rede, devem ser capazes de garantir os fatores apontados como prioritários para a construção do ecossistema – que depende do “apoio de atores com diferentes competências, sendo resultado de ação em rede” (*op. cit.*, p. 11). Nesse sentido, “sociologia da tradução ou sociologia da inovação ou, ainda, sociologia das redes sociotécnicas”¹¹ (*idem, ibidem*) constitui-se como instrumento para a compreensão da atuação e articulação de determinados atores em um dado território. Como enfatizam Silva *et al.* (2018, p. 11), essa “rede sociotécnica” é um espaço de integração (de atores sociais e elementos não humanos) e “cooperação, fundamentado em um quadro de interesse comum”. Logo, “para que a rede se construa é necessário que haja um tradutor das lógicas de ação. Neste caso, traduzir é promover e apoiar alianças e não passar um texto de um idioma a outro” (*idem, ibidem*).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender a dinâmica de construção do ecossistema empreendedor solidário no município de Araraquara, no intuito de visualizar o “estado da arte” deste processo nos dias atuais, de modo a entender como são concebidas as conexões entre os principais atores envolvidos com a Esol no território.

Para além de atividades que visam à geração de trabalho e renda para as pessoas marginalizadas social e economicamente do sistema capitalista, a Esol também tem a capacidade de configurar-se como estratégia de desenvolvimento local; sendo um dos

11. Os fundadores desse referencial teórico são Michel Callon e Bruno Latour. Para mais informações, consultar Callon (1986; 1999) e Latour (2000).

caminhos possíveis para a efetivação deste processo a construção de um ecossistema empreendedor solidário, que permita aos EES fortalecerem-se e, possivelmente, emanciparem-se dentro do território.

Esta pesquisa partiu da pressuposição de que a construção desse ecossistema em um determinado território requer a presença e o fortalecimento de alguns fatores essenciais, que são: políticas públicas de apoio; acesso a recursos financeiros; fatores culturais; infraestruturas de apoio; capital humano; e acesso aos mercados. Para isso, o estudo de caso do ecossistema para Esol em Araraquara iniciou-se com um mapeamento dos EES, que têm peculiaridades e especificidades inerentes à sua estrutura e funcionamento, marcados por uma dinâmica própria, que os permite atuar em diversas esferas: social, política e econômica. Foram identificados quatorze EES atuantes na esfera da Esol no município, sendo, em sua maior parte, associações (42,86%), seguidos por cooperativas (28,57%) e grupos informais (28,57%).

Além dos EES, foram identificados os demais atores responsáveis pelas “interações locais” de Esol no território. Dentre estes, percebeu-se que três atores destacam-se como sendo os principais canais ou artérias responsáveis pelo provimento de conexões estratégicas para a construção do ecossistema empreendedor solidário, capazes de fomentar cada um dos constructos propostos por Isenberg (2010; 2011) e pela European Commission (2016) no território, que foram: governo local, universidades e os próprios EES.

Mais especificamente, os dados mostraram que a maior parte das parcerias conquistadas entre os EES e algum agente estratégico foi facilitada pelo papel da universidade (atuando como incubadora e dando suporte na elaboração e aprovação de projetos de fomento direcionados a empreendimentos de Esol) e do governo local (por meio do amparo institucional e jurídico aos EES, demonstrado pelas diversas iniciativas em prol da Esol). Essas parcerias são fundamentais para a criação, consolidação e emancipação de um EES, visto que são elas que determinam a viabilidade e a intensidade com que cada um dos seis fatores citados seja acessado por esses empreendimentos.

Com base nessas constatações, foi possível compreender que a construção dessa “rede” em Araraquara pode ser viabilizada mediante fortalecimento desse tripé: *governo local, universidade e EES* – que compõem os pilares do modelo da *hélice tripla* ou *hélice tríplice* –, cujas articulações sincronizadas em prol da Esol são capazes de viabilizar todas as condições e os fatores necessários para a consolidação do ecossistema empreendedor solidário, além de estimular o fomento do desenvolvimento econômico local.

Para tanto, os atores componentes desse tripé estratégico devem assumir o papel de *tradutores* na construção e estruturação do ecossistema empreendedor para Esol, no sentido de promover e apoiar alianças, de modo a garantir o provimento ou os meios para que sejam fornecidos os fatores apontados como prioritários para a criação, manutenção e emancipação dos EES, e, conseqüentemente, para a consolidação do ecossistema. Nesse sentido, a *sociologia da tradução* ou *sociologia das redes sociotécnicas* constitui-se como instrumento para a compreensão da atuação e articulação desses atores no território.

Desse modo, o estudo da Esol no município de Araraquara evidenciou a existência de uma realidade econômica, política e social permeada por diversas iniciativas, que resultaram em boas bases para a criação e manutenção de EES. Essas iniciativas podem ser compreendidas como sementes já plantadas, que projetam em seu futuro um viável e possível caminho para se alcançar o estabelecimento de um efetivo ecossistema empreendedor para Esol. Com isso, os dados e as informações apresentadas neste artigo reafirmam mais claramente a hipótese de que a existência de um ecossistema empreendedor para Esol possibilita a criação, manutenção e emancipação dos EES dentro do território e, portanto, contribui com o desenvolvimento econômico local.

Verifica-se, assim, que a construção de um ecossistema empreendedor solidário é um processo multifacetado, constituído de desafios ligados a fatores de naturezas distintas e possibilitado pela conjunção de esforços mútuos e coesos, que devem articular-se de tal forma que seja possível a consubstancialização de uma sinergia entre os atores, capaz de estruturar e erigir bases para a criação de ações, iniciativas e políticas públicas estratégicas de fomento à Esol. Com isso, torna-se possível vislumbrar um horizonte de desenvolvimento econômico local, pautado na geração de trabalho e renda por meio da cooperação, da igualdade, da democracia e da solidariedade.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 9-16, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2VWC3hK>>. Acesso em: 1º ago. 2019.
- ANDRADE, D. C. T. *et al.* Empreendedorismo e economia solidária: um ensaio de suas convergências e divergências. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, p. 175-186, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/38IcR1m>>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- BACIC, M. J. Da oportunidade de pensar no desenvolvimento de um ecossistema empreendedor para os empreendimentos de economia solidária em América Latina. *In: ACADEMIA SOBRE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA*, 4., jul./ago. 2014, Campinas, São Paulo. **Anais...** Genebra: OIT, 2014.
- BARROS, A.; MIRANDA, C. M. Empreendedorismo e crescimento econômico: uma análise empírica. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 12, n. 4, p. 975-993, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/3cHSqot>>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- CALLON, M. Eléments pour une sociologie de la traduction: la domestication des coquilles Saint-Jacques et des marins-pêcheurs dans la baie de Saint-Brieuc. **L'Anné Sociologique**, v. 36, p. 169-208, 1986.
- _____. Le réseau comme forme émergente et comme modalité de coordination: les cas des interactions stratégiques entre firmes industrielles et laboratoires académiques. *In: CALLON, M. et al. Réseau et coordination*. Paris: Econômica, p.13-64, 1999.
- CHELL, E. Social enterprise and entrepreneurship: towards a convergent theory of the entrepreneurial process. **International Small Business Journal**, v. 25, n. 1, p. 5-26, 2007.
- COHEN, B. Sustainable valey entrepreneurial ecosystems. **Business Strategy and the Environment**, v. 15, n. 1, p. 1-14, 2006.

EUROPEAN COMMISSION. **Social enterprises and their eco-systems**: developments in Europe. Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/38CURoQ>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 23-48, May 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2TRfN69>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

ISENBERG, D. How to start an entrepreneurial revolution. **Harvard Business Review**, v. 88, n. 6, p. 40-50, June 2010.

_____. **The entrepreneurship ecosystem strategy as a new paradigm for economic policy**: principles for cultivating entrepreneurship. Massachusetts: The Babson Entrepreneurship Ecosystem Project, May 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2wLoHtY>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

KANTIS, H.; ISHIDA, M.; KOMORI, M. **Entrepreneurship in emerging economies**: the creation and development of new firms in Latin America and East Asia. Washington: Inter-American Development Bank, 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/39FsYOM>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

LATOURE, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 438 p.

MORAIS, L. **As políticas públicas de Economia Solidária (Esol)**: avanços e limites para a inserção sociolaboral dos grupos-problema. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MORAIS, L.; BACIC, M. La comercialización en la perspectiva de la formación y fortalecimiento de las redes: la relevancia del ecosistema emprendedor. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF CIRIEC, 31st., 2016, Reims, França. **Anais...** Bélgica: Ciriec International, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/336IUXg>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

_____. Pela necessidade de criar, manter e fortalecer o ecossistema empreendedor solidário. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE PESQUISAS E ESTUDOS SOBRE ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA, 6., 2018, Manaus. **Anais...** Manaus: Ufam, 2018.

_____. A importância do ecossistema empreendedor para a economia social e solidária (ESS): avanços, retrocessos e desafios atuais no Brasil. **Revista da Abet**, v. 18, n. 1, p. 3-21, jan./jun. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2wN9bxH>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

NYGAARD, S. **Co-evolution of technology, markets and institutions**: the Case of Fuel Cells and Hydrogen Technology in Europe. Lund, Sverige: Lund University; Circle, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2v63wCu>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Economia social e solidária**. Turim: Centro Internacional de Formação da OIT, 2014. 120 p. Disponível em: <<http://bit.ly/3cNqkTO>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

SERRANO, S. Economía Social y solidaria: una propuesta para un ecosistema más complejo. *In*: INFORMACIÓN ESTADÍSTICA Y CARTOGRÁFICA DE ANDALUCÍA. **Economía Social y Solidaria**. Sevilla: Ieca, 2015. p. 172-178.

SILVA, M. C. **Análise do ecossistema empreendedor brasileiro e dos fatores críticos de sucesso para a gestão de incubadoras de empresa**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SILVA, N. J. R. *et al.* Fatores determinantes para a consolidação de empreendimentos econômicos solidários. *In*: CONGRESSO DE PESQUISADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (CONPES), 2., 2018. São Carlos. **Anais...** São Carlos: Conpes, 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/2TCNBoC>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

SILVA, S. P.; CARNEIRO, L. M. Os novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos. **Relatório de Pesquisa**. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/39EkcQP>>. Acesso em: 9 ago. 2019.

VALE, G. M. V. Novos agentes em ação. **Revista Rumos do Desenvolvimento**, out. 2000.

_____. Reinventando o espaço para a construção de territórios competitivos. *In*: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília: Relume Dumará, 2004. p. 301-323.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

KRAYCHETE, G. Escala e sustentabilidade dos empreendimentos econômicos solidários: uma ambiência necessária. **Cadernos do Ceas**, Salvador, n. 235, p. 186-206, 2015.

MORAIS, L. **Economia social e solidaria e cooperação sul-sul triangular**: possíveis conexões e contribuições para o desenvolvimento sustentável inclusivo. Turim, Itália: Centro Internacional de Formação da OIT, 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/39KLTaI>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PAMPLONA, J. B. O autoemprego e os fatores de seu sucesso. *In*: BENECKE, D. W.; NASCIMENTO, R. **Política social preventiva**: desafios para o Brasil. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer, 2003.

SENAES – SECRETARIA NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Ministério do Trabalho e Emprego**. 2017. Disponível em: <<http://bit.ly/2VW95i2>>. Acesso em: 5 ago. 2019.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Assessoria de Imprensa e Comunicação

EDITORIAL

Coordenação

Reginaldo da Silva Domingos

Assistente de Coordenação

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Supervisão

Camilla de Miranda Mariath Gomes

Everson da Silva Moura

Revisão

Alice Souza Lopes

Ana Clara Escórcio Xavier

Clícia Silveira Rodrigues

Idalina Barbara de Castro

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Amanda Ramos Marques (estagiária)

Hellen Pereira de Oliveira Fonseca (estagiária)

Ingrid Verena Sampaio Cerqueira Sodré (estagiária)

Isabella Silva Queiroz da Cunha (estagiária)

Editoração

Aeromilson Trajano de Mesquita

Cristiano Ferreira de Araújo

Danilo Leite de Macedo Tavares

Herllyson da Silva Souza

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

*The manuscripts in languages other than Portuguese
published herein have not been proofread.*

Livraria Ipea

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA

